

A GUERRA NA COREIA

Gen. FELICIO LIMA

O caráter de alguns brasileiros, embora nobre e generoso, contudo ressentem-se de sérios defeitos. Consiste um deles em deprimir tudo quanto é nacional para somente súmirmar o que é estrangeiro. Assim, desprezam o que de mais extraordinário e notável se pratica em nossa Pátria e aplaudem o que de mais simples se faz em outras nações. Não zelam, portanto, pelas glórias de nossos avoengos, o que é um grande defeito e muito prejudica ao Brasil.

Essa tendência pessimista e negativa de nossos feitos dá lugar a que Récius nos caluniem e insultem!...

Por outro lado, demonstram certa má vontade para com os Estados Unidos, a única nação do mundo com que o nosso País pode e poderá contar na sua adversidade. E a dedução que tiramos da história das Américas.

É oportuno comentarmos a campanha injusta que alguns brasileiros fazem aos norte-americanos, ao mesmo tempo que enaltecem a Rússia e a China, no tocante à campanha coreana. Mas a verdade é que, enquanto os ianques procuram na ONU, com o apoio do Brasil e da maioria das Nações do globo, a manutenção da paz mundial, os comunistas sino-moscovitas e seus satélites, trabalhando em sentido contrário, fomentam a guerra para destruir a paz entre os povos.

Acham que foi imprudente a ONU em sua intervenção armada naquela região sacrificada pela ambição de um homem que tem infelicidade o mundo. Fingem ignorar que a invasão sem motivo da Coreia do Sul pela do Norte,

e agora pela China comunista, foi um ato de agressão positiva e que a Sociedade das Nações não poderia ficar de braços cruzados ante o apêlo daquela pequena e valorosa nação, na qualidade de membro dessa importante Associação Internacional!...

Mas a ONU, nessa lamentável questão, está na posição da pessoa de brio, que em público recebe feroz injúria. Assim, moralmente, não há que transigir, ou se desagrava ou fica desonrada para sempre.

Essa a posição em que se colocou inesperadamente a ONU; se não interviesse para punir o agressor e apoiar o agredido, sujeitar-se-ia à humilhação. Perderia, em consequência, o direito de Autoridade Internacional em face das nações civilizadas.

Além disso, uma vez que a Coreia do Norte não aceitou a intervenção pacífica, cessando as hostilidades, outra não poderia ser a atitude da ONU: ordenar a necessária repressão.

Perém, o que é estranhável é que sendo a Rússia um dos principais membros da ONU, coloque-se, com os seus satélites, numa oposição sistemática, com o objetivo primordial de impedir seja fechada a porta da próxima guerra, na qual pretende, sabemos que em vão, executar o sonho de dominar o mundo.

Nessas condições, a intervenção armada em aprêço não foi mal entendida, mas nobre e dignamente aceita, embora não fôsse lícito calcular os sacrifícios resultantes que demandaria o necessário desagravo internacional. Porque somente uma coisa havia a medir: "a grandeza

do insulto, para calcular até onde deveria chegar a desafrenta".

O que a ONU não deve permitir é que Stalin, pelos seus representantes ali, continue anulando as suas resoluções pacifistas, lançando mão de um veto pernicioso e insolente, porque no caso em exame representa perigo eminente, ameaça perene aos interesses futuros do mundo.

Acresce que, pelos atos de selvagem aleivosia praticados ao invadir a Coreia do Sul, antes mesmo da intervenção da ONU, a Coreia do Norte colocou-se fora das leis internacionais. Daí as forças das Nações Unidas não poderem deixar de usar do direito sagrado de jamais abandonarem o território invadido pelos vândalos, reforçados agora pelos comunistas chineses, antes de expulsá-los de tão flagelado território, com a finalidade de colocar as coisas em pé de paz.

Todavia, é preciso pôr em evidência que o castigo coreano afeta apenas os chefes culpados, como Stalin e Mao-Tsé-Tung e não os seus infelizes compatriotas, porque na época atual a distinção entre governo e povo é um fato. Donde a maneira diferente com que foram tratados, nos respectivos julgamentos da última conflagração mundial, os chefes nazi-fascistas e os povos alemães, italianos e japoneses.

Aliás, tal doutrina não é dos nossos dias. Com efeito, a Europa inteira, em 1815, declarou que não trataria, nas negociações de paz, com Napoleão. Negociando apenas com a França, ao povo dessa destemida nação gaulesa foi possível conservar a sua perfeita autonomia, sendo Bonaparte recluso em Santa Helena.

E no Brasil, nos tratados de guerra com o Paraguai, declarou-se e estipulou-se sempre — guerra ao tirano Lopez, aliança com o povo por ele oprimido.

Dessarte, a expulsão dos invasores das duas Coreias não prejudicará a soberania de tão valoroso povo. Ao contrário, esse povo que tantas provas de virilidade tem dado na luta em que se acha empenhado, deixará de ser "uma má-

quina de produzir riqueza para o dono de tudo durante a paz, e na guerra uma máquina de destruição a serviço do onipotente ditador..."

E o apóio prestigioso e incondicional que está prestando à ONU o presidente Truman, num salutar exemplo de cumprimento dos tratados assinados, tende para que a Coreia seja uma nação unificada e verdadeiramente livre das invasões de todos os bárbaros, porque da sua vitória emanará a regeneração dos costumes internacionais, graças à suprema autoridade da Sociedade das Nações Unidas.

Entretanto, os estadistas norte-americanos devem ficar de sobre-aviso. Porque para os stalinistas o comunismo sempre foi um instrumento de expansão do poderio de Moscou. Na história da Rússia se verifica haver Stalin estendido o império bolchevista para além dos limites que mantinha no pináculo de sua maior expansão, excedendo mesmo o que havia perdido na primeira Guerra Mundial, sem falar na recuperação da Guerra Russo-Japonesa.

Portanto, a utilização do comunismo à segurança da Rússia, não depende apenas de frustrar as maquinacões de imaginários inimigos agressivos, mas principalmente de controlar o expansionismo de seus satélites.

Tal pretensão seria fácil, antes de Mao-Tsé-lung haver conquistado a China. Agora, dispendo essa nação asiática de grande potencial em homens, de recursos estratégicos maiores do que os da União Soviética, poderá, no mundo oriental disputar a liderança.

Para anular esse desideratum, Stalin, valendo-se da guerra na Coreia, procura impelir a China e outras nações asiáticas contra os norte-americanos numa guerra de longo curso, que destrua completamente ambos os beligerantes, para Moscou firmar a sua segurança no Oriente e na Europa, em prejuizo dos Estados Unidos esgotados!

Finalmente, os acontecimentos bélicos desenrolados na Coreia ressaltam mais uma vez que o mundo continua vítima das ambições hu-

manas. Não haverá esperança de a humanidade unir-se na verdade e no amor para obter a paz universal?...

Seria impossível uma realização enquanto a Rússia imperialista dominar os povos asiáticos. Porque o atual surto do imperialismo eslavo que os exaltados estadistas de Moscou escondem sob a denominação de revolução social mundial, não deixa de ser um trastrobordamento de forças desordenadas, incitadas por ambições desmedidas de ditadores sem escrúpulos.

Eis porque, em qualquer parte do mundo, onde exista uma célula comunista, ela é a representante fiel da política agressiva de Moscou, procurando desenvolver uma campanha de descrédito aos dirigentes das nações que não lhes rendem obediência, através da demoralização dos seus homens públicos, em detrimento do prestígio das democracias. Vai além, preconizando a luta de classe, incentivando o ódio nos agrupamentos proletários, atira operários contra patrões, camponeses contra fazendeiros, comerciários contra comerciantes, etc., destruindo, assim, os laços de disciplina político-social, que é a base das democracias.

Implantando, portanto, a licença no seio das massas, desacredita as forças armadas, lançando a semente da revolta nos povos menos esclarecidos.

Se consultarmos mais uma vez a história moscovita deparamos com o conquistador mongol, o terrível Gengs-Khan, que outrora, com ambições semelhantes e iguais propósitos, traçara a orientação do imperialismo russo, cujos princípios estratégicos apaixonam na época hodierna os caudilhos asiáticos.

Em conclusão, se não fôra a atitude dos Estados Unidos, que estão apoiando as discussões da ONU, os conquistadores vermelhos, encontrando a Europa Ocidental desarmada e inundada pela propaganda bolchevista, já teriam desencadeado a terceira guerra mundial...

Sim, porque o aparelhamento da sua propaganda em todo o mundo, espalha rumores e mentiras para engendrar o temor e a confusão. Intimidando as nações pacíficas do Ocidente, os bolchevistas concentram tropas nas proximidades de suas fronteiras, não vacilando em precipitar as infelizes vítimas numa guerra sangrenta e destruidora!...

A CONFERÊNCIA DE WASHINGTON E A COOPERAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS

Ten.-Cel. J. H. GARCIA.

Com referência à luta em que os EE.UU. da América do Norte estão empenhados em nome dos princípios de liberdade, pela humanidade contra o comunismo, particularmente focalizando a forma da qual se tem revestido a cooperação da generalidade das Nações do mundo com aquele País, nos recordamos de um fato que presenciamos.

Em um grande edifício de apartamentos aqui na Capital um dos moradores passou a praticar atos que perturbavam a vida dos demais e que ameaçavam tornarem-se cada vez piores levando talvez a uma situação intolerável. Combinada uma assembléia para tratar do assunto, ante todos os interessados compareceu um preposto do "perturbador", que nada pôde decidir definitivamente.

Os ânimos se acirraram e surgiu um líder, à sombra do qual todos se acolheram. Daí por diante ninguém mais cooperou, passando a maioria a tolerar o incômodo e mesmo a sorrir para o "perturbador", que, diga-se de passagem, fazia bem o papel de mau.

Todos aguardavam o encontro do líder com o perturbador e não pensavam nos resultados desta luta que podia ser fatal para os interesses comuns; vencido o líder, o perturbador imporá sua vontade; não pensavam que se todos se unissem com decisão ao líder, seu trabalho seria menos difícil e eles seriam mais honestos e mais decentes.

Desta mesma forma vemos a cooperação da grande maioria das Nações do mundo com os EE.UU. na luta contra o comunismo.

Estamos convencidos de que a maioria, quase a totalidade das Nações, acolhe-se à sombra daquela grande potência e da sua mobilização para esta luta tiram partido pelas mais variadas formas. Este é o lado sombrio da cooperação.

Na ação decidida que redundaria em uma cooperação eficiente e altamente proveitosa não só para a causa comum, como para cada uma das Nações que assim procedesse, estaria a linha mestra de uma conduta coerente e sobretudo honrosa.

A forma que tem assumido até o presente a cooperação na luta que está travada, não só na Coreia, mas no mundo, contra o comunismo não tem sido recomendável, como não o foi a dos moradores do edifício de apartamentos em relação ao líder e ao perturbador.

Aproveitando a Conferência de Washington, seria muito importante que o Brasil levasse para aquela capital uma atitude decidida a serviço de uma vontade forte. Isso não só fortaleceria sobretudo a causa comum, como daria ao nosso País o lugar que lhe estará reservado nesta Conferência, o qual conquistaremos se para lá formos considerando o problema do comunismo como uma causa das democracias e não dos EE.UU. e a cooperação intemerata com este País como ação que nos recomendará para a posteridade.

"Sempre tive por coisa bem averiguada que nada iguala o denodo de uma falange em que todos são amigos."

COMPANHIA INDUSTRIAL SANTO AMARO

FIACÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO

RUA DR. SIQUEIRA N. 2 — MAGÉ — E. DO RIO

END. TELEGR.: "CISA"-RIO

ESCRITORIO NO RIO:

RUA TEÓFILO OTONI N. 15 — SALAS 714 a 717

TELEFONE 43-4028